

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JùpíRã Transeunte - JULIA ALVES DOS SANTOS SILVA

“RETOMADA KUIAPATA’Ã”: Uma Obra Audiovisual sobre o discurso de uma Terra Indígena construída como cidade industrial

“KUIAPATA’Ã RETAKEN”: An Audiovisual Work about the discourse of an Indigenous Land built as an industrial city

São Paulo

2025

JùpíRã Transeunte - JULIA ALVES DOS SANTOS SILVA

**“RETOMADA KUIAPATA’Ã”: Uma Obra Audiovisual sobre o discurso de uma Terra
Indígena construída como cidade industrial**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Geografia.

Orientadora: Gloria da Anunciação Alves

São Paulo

2025

Catalogação na Publicação Serviço de
Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586? Silva, Julia Alves dos Santos
“RETOMADA KUIAPATA’Ã”: Uma Obra Audiovisual
sobre o discurso de uma Terra Indígena construída
como cidade industrial / Julia Alves dos Santos Silva;
orientadora Gloria da Anunciação Alves - São Paulo,
2025.
23 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)-
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia.

SILVA, Julia Alves dos Santos. “**RETOMADA KUIAPATA’Ã**”: Uma Obra Audiovisual sobre o discurso de uma Terra Indígena construída como cidade industrial. 2025. 24p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

RESUMO

O presente trabalho é composto por esse breve artigo e uma obra audiovisual de 38 minutos e 34 segundos (<https://www.youtube.com/watch?v=rTKMVTU6WmU>), ambos de mesmo título. Sua problematização se encontra naquilo que JÚNIOR (2011) afirma como regime de enunciação por meio de diferentes elementos práticos e discursivos, configurando uma produção político-imagética de Cubatão como cidade industrial em contramão com a ideia aqui defendida de Kuiapata'ã como Terra Indígena. O formato escolhido afirma o posicionamento não convencional que rompe com o formato textual hegemônico exigido para trabalhos de graduação. A metodologia utilizada mescla a autoetnografia, autobiografia no que está se chamando de auto-geográfico. O objetivo traçado no projeto de pesquisa desse TGI é a investigação de uma narrativa de construção da produção imagética-discursivo da cidade de Cubatão relacionando os conceitos de corpo-território, identidade e o processo de industrialização-urbanização por meio da realização de um tgi-manifesto no formato de obra audiovisual.

Palavras-chaves: Território; Interdisciplinaridade; Epistemologia Indígena; Geografias Audiovisuais; Geografia Cultural;

ABSTRACT

This work is composed of this brief article and an audiovisual work lasting 38 minutes and 34 seconds (<https://www.youtube.com/watch?v=rTKMVTU6WmU>), both with the same title. Its problematization is found in what JÚNIOR (2011) states as a regime of enunciation through different practical and discursive elements, configuring a political-image production of Cubatão as an industrial city in contrast to the idea defended here of Kuiapata'ã as an Indigenous Land. The chosen format affirms the unconventional positioning that breaks with the hegemonic textual format required for undergraduate works. The methodology used mixes autoethnography and autobiography in what is called auto-geographic. The objective outlined in the research project of this TGI is to investigate a narrative of construction of the image-discursive production of the city of Cubatão, relating the concepts of body-territory, identity and the process of industrialization-urbanization through the creation of a TGI-manifesto in the format of an audiovisual work.

Keywords: Territory; Interdisciplinarity; Indigenous Epistemology; Audiovisual Geographies; Cultural Geography;

SUMÁRIO

PREÂMBULO DA PESQUISA?.....	6
ENTRE CAMINHADAS E METODOLOGYAS.....	8
A RETOMADA É SIMBÓLICA, MAS TAMBÉM É CONCRETA NO AGORA.....	11
CONSIDERAÇÕES: POSSÍVEIS HORIZONTES ENLAMEADOS.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	20

PREÂMBULO DA PESQUISA?

"Vida loka é quem estuda!"
(Sérgio Vaz)

Este trabalho urgiu para ser materializado. Pelos apagamentos, ausências, insuficiências, silenciamentos, displicências, angústias, ecos de vozes sem reparação histórica e porque cada vez mais se faz necessário e urgente que narrativas anti-coloniais falem por si mesmas sobre o mundo em que vivemos. Dessa forma, é importante também afirmar, que estou partindo do meu ponto de vista, por isso reivindico a escrita em primeira pessoa, pois entendo que a pesquisa é um recorte da realidade, que me atravessa no tempo presente.

A proposta da pesquisa busca o sentido auto-geográfico, fazendo um paralelo com o auto-etnográfico e auto-biográfico, numa espécie de simbiose que mesclam esses âmbitos do sujeito como referencial na pesquisa, suas subjetividades, memórias, atravessamentos, identidade e territorialidade a partir de um lugar de si mesmo para pesquisar, naquilo que SANTOS (2017, p.220) afirma a "utilização de princípios de autobiografia e da etnografia para fazer e escrever autoetnografia.", transportando esses métodos à geografia, assumindo o auto-geográfico como o falar a partir do lugar que pertenço no mundo.

Por sua vez, o formato escolhido, por meio da produção de uma obra audiovisual, disponível para acesso na plataforma do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=rTKMVTU6WmU>), conjunta a esse artigo, afirmam o posicionamento não convencional, não formal, que rompe com o formato único textual exigido para trabalhos de graduação, pois corrobora com a noção de tgi-manifesto trazida por BENEDETTI (2019) aplicada neste trabalho em diálogo com as linguagens artísticas, perfazendo portanto a metodologia.

Nesse sentido o título da obra que é o mesmo título do artigo, se fundem em sua recíproca e indicam uma epistemologia a ser tecida com esse trabalho, atrelada à narrativa e ao discurso de uma dialética presente no paradoxo sociedade-natureza, a divisão entre uma geografia física e uma geografia humana, que podem ser traduzidos no estigma de cidade industrial de Cubatão e na terra indígena Kuiapata'ã viva nos Sambaquis¹ e caminhos originários.

¹ Os Sambaquis, do tupi antigo “tamba’ki”, são povos antigos que viveram na planície litorânea da região sudeste e sul do Brasil, que como registro de sua memória formaram grandes amontoados de conchas, ossos e fragmentos de sua ocupação, que se caracterizam como importantes sítios arqueológicos do período pré-cabralino.

A construção de cidade industrial em uma região histórica fundamental no processo de formação territorial do país, abrigando o porto geral da circulação de mercadorias entre litoral e o planalto paulistano, das suas sesmarias que se transformaram em propriedades privadas dos interesses industriais, nessas terras houveram canaviais, bananais, curtumes em sua bruteza de extração da natureza colonial, que logo deram vez ao petróleo, aço, benzeno, gás, inseticidas, fertilizantes e à energia elétrica.

Esse fragmento do todo que oculta seu passado, ainda permanece inerente ao seu tempo presente, estabelecendo uma dinâmica de fronteiras-limites de uso de seu território, formando uma população resultado das migrações indígenas, negras, árabes, asiáticas, do povoamento europeu e dos êxodos nordestinos e mineiros, constantes ao longo de seus 492 anos de povoamento oficial como “Cubatão”, que são presenças negadas enquanto principais responsáveis pela produção de riqueza, e suas territorialidades aglutinadas em estereótipos que tratam sobre um imaginário coletivo que reproduz o racismo, a aporofobia, um ideal eugenista introduzido com a noção de Estado-Nação e de uma identidade nacional única a todos, mas que neste trabalho trilhamos os fluxos milenares como dados da realidade do passado vivos no agora:

“O Maior Pólo Petroquímico da América Latina, subscrição de entrada da cidade, feita pela CIESP, Centro de Industrias do Estado de São Paulo, foi, está sendo produzido também por "peões", nordestinos migrantes, a maioria. O produto de seu trabalho transforma-se em condição prévia para a produção das indústrias petroquímicas e da indústria siderúrgica. São moradores, em grande parte, de favelas e cortiços, considerados pobres, ladrões, trabalhadores braçais, meros ajudantes, fazedores de "bicos", favelados a depredar a Serra do Mar, moradores de lugares "inadequados", desempregados. Esta é sua aparência, resguardada das relações e mediações que oculta. Jamais e claramente aparecem como de fato são: produtores do centro produtivo de Cubatão.” (DAMIANI, 1985,p.8)

O objetivo traçado desse TGI é a investigação de uma narrativa de construção da produção imagética-discursivo da cidade de Cubatão relacionando os conceitos de corpo-território, identidade e o processo de industrialização-urbanização por meio da realização de um tgi-manifesto no formato de obra audiovisual com duração de 38 minutos, bem como seus objetivos específicos de discutir diferentes representações acerca da cidade de Cubatão por meio da articulação dos discursos entre os saberes locais, a produção acadêmica e a documentação oficial, tal qual desenvolver um material audiovisual de arte-educação com elementos narrativos, performáticos, fotográficos e musicais

pela transdisciplinaridade, pensando o diálogo e o atravessamento das artes com a geografia, história, sociologia e antropologia.

Dessa forma, esse preâmbulo apresenta algumas questões levantadas ao longo do trabalho do caráter auto-geográfico, conjuntamente com o capítulo “Entre caminhadas e methodologyas” que trata do processo de concepção e costura da pesquisa, seguido do capítulo “A retomada é simbólica, mas também é concreta no agora” que propõe uma relação entre os conceitos levantados sobre território e a linguagem artística como ferramentas de potencialização da temática levantada e o “Possíveis horyzontes enlameados” que encerra por sua vez o artigo suscitando reflexões em aberto sobre o processo.

ENTRE CAMINHADAS E METODOLOGYAS²

“Quando nós falamos tagarelando
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinando
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é porque estamos errando
É porque não fomos colonizados”
(Nego Bispo)

Desde o começo da graduação, muitas foram as motivações que me levaram a escolher e continuar na geografia. Ainda que as ciências sociais, a história e a literatura tenham atravessado minhas memórias da escola como estudos que tinha vontade de aprofundar, foi no ensino médio fazendo o TCC do curso técnico de Meio Ambiente “Da Lama ao Caos: Um estudo de caso acerca da Vila Parisi, Cubatão/SP”, que acessei autores e um universo chamado ciência geográfica. Desde aquela época, falar sobre minha cidade sempre foi falar sobre aquilo que me pulsa, pois me vejo por e nela como processo-resultado de múltiplas camadas.

A escolha de falar naquela época sobre a Vila Parisi se encontra naquilo que JÚNIOR (2011) afirma como regime de enunciação por meio de diferentes elementos práticos e discursivos, configurando uma produção político-imagética, nesse caso de uma cidade, que ficou conhecida mundialmente por uma contradição de ser um dos maiores pólos petroquímicos da América Latina e ser o Vale da Morte.

² O uso do Y no lugar do i nessa palavra, é uma referência à língua tupi, cujo Y é uma vogal que não existe em português e sua simbologia como som próprio e característico é convocada como um lugar de referencial e dimensão indígena.

A partir desses atravessamentos, houve uma busca pelas possibilidades de abordar temáticas tidas marginalizadas durante as disciplinas, em paralelo com esses processos que foram sendo refletidos de produção da cidade, e pelo entendimento trazido por BENETTI (2019, p.6) de que “quando racializamos a produção do conhecimento, portanto, notamos uma divisão na qual o papel de pesquisador é dado ao branco, enquanto pretos e indígenas cumprem a função passiva de serem pesquisados, sendo essa uma segunda forma de colonização.”, refletindo uma lógica da narrativa da pesquisa que também é sobre quem afirma ou deslegitima discursos, práticas que são reproduzidas socialmente como “universais”.

Portanto, a escolha de grafar pelo próprio pertencimento, em território e identidade, como cubatense e pessoa indígena em retomada³, através da autoetnografia-autogeográfica e de uma epistemologia indígena na geografia, também se atrela à pesquisa participativa, pois corrobora para o duplo sentido de participar-pesquisar atuando no processo de ação social que resulta em formas de transformação das estruturas sociais, seja na forma dos saberes tidos como autodidatas nas práticas artísticas que interseccionam com a educação e a geografia nesse trabalho.

Ao longo da confecção da pesquisa, em 2023 firmo a escrita do projeto de pesquisa do Trabalho de Graduação 1 (TGI 1), cuja temática me atravessa há muito tempo, como já dito anteriormente. Em 2024 foi quando ocorreu a primeira tentativa de conclusão do curso com o desenvolvimento do curta e do artigo, só almejada agora no começo de 2025. E isso se deve por inúmeros motivos como as jornadas de trabalhos exaustivas que ceifam o tempo de estudo e dedicação necessária para esse momento de confecção da pesquisa, a falta de recursos materiais e financeiros para compra dos equipamentos, mão-de-obra para edição audiovisual, e uma fragilidade no tocante dessa modalidade de pesquisa dentro do Departamento de

³ A retomada indígena é um longo processo identitário e coletivo que envolve camadas territoriais, históricas, socioculturais, pessoais, genealógicas e ancestrais, fruto de séculos de apagamento das identidades indígenas em Pindorama e Abya Yala, autodenominações indígenas de Brasil e América Latina, de origem tupi e kuna, respectivamente. A “terra dos mil povos” como afirma Kaká Werá, segundo o IBGE atualmente é 0,83% da população indígena sendo 305 etnias, em contraste com o dado de 2 milhões de indígenas no século XVI que chega em 1998 a 303 mil indígenas. Com as violências, expulsões, invasões, miscigenações, embranquecimentos, apropriações e sincretismos, diferentes povos foram sendo dizimados e retirados de suas conexões com a terra, formando populações e lugares com seus direitos de existir negados. Dessa forma, com as lutas coletivas de retomada das memórias, tradições e histórias, muitas pessoas, povos e territórios estão retomando suas raízes.

Geografia da USP, que gera uma insegurança e um medo de compartilhar a pesquisa partindo dos pontos levantados e defendidos.

A começar pelos procedimentos realizados nesses quase 2 anos de pesquisa, uma breve revisão bibliográfica sobre as temáticas atreladas à Cubatão em buscadores de trabalhos acadêmicos evidenciou a frequência voltada ao ambiental, químico, biológico das pesquisas, em menor presença das ciências humanas e uma ausência de narrativas epistemológicas que justificam a necessidade desse trabalho. Atrelado, as leituras de importantes bibliografias sobre Cubatão como DAMIANI (1985), FERREIRA (1991), PINTO (2005) e de referenciais teóricos sobre o conceito de território como FERREIRA (2014), HAESBAERT (2023), SANTOS (1999), RAFFESTIN (1993), também houve a observação e estudo da linguagem audiovisual com 21 curtas metragens e artigos sobre cinema documentário.

Conjuntamente, as noções de corpo-território e territorialidade dos pensamentos indígenas, quilombolas, comunitários, também permeiam o trabalho principalmente pela auto-pesquisa e produção de conhecimento coletivo pela realização das entrevistas com 7 pessoas de 6 bairros diferentes da cidade, me incluindo como entrevistado. Nesse processo, buscou-se a multi-territorialidade como elemento de possível diferenciação das compreensões da realidade, trazendo também os diferentes quadros de paisagem que compõe junto das pessoas.

No ato de entrevistar, foi proposto a liberdade de pensamento, sem censura de pensamentos, palavrões, cortes excessivos das respostas na qual até o não entendimento de alguma pergunta, uma resposta breve, gestos, olhares, contribuem potencialmente na construção da investigação sobre essa temática tão profunda. As captações para a obra audiovisual foram realizadas entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025 por meio das entrevistas com 7 perguntas disparadoras: “O que é Cubatão pra você? O que é território pra você? Qual a sua identidade? Qual o seu território? Qual seu pertencimento? Como você entende a relação entre território e Cubatão? Uma memória que poderia resumir essa conversa?”, fotografias e trechos de vídeo das saídas de campo em lugares da cidade como Ilha Caraguatá, Bolsão 7, Rodovia Imigrantes, imagens de arquivo antigas da cidade e do meu trabalho de pesquisa na performance “Contramuseu das memórias_de_Cuiapata-ã” de 2021. Os equipamentos utilizados foram uma câmera profissional T3 da Canon, emprestada

gentilmente por Breno Garcia, um celular Redmi 13C da Xiaomi, tripé e microfone de lapela de meu uso próprio e pessoal

A realização do roteiro por mim é por meio da escuta, costura e a pluralidade de entendimentos acerca do conceito de território, dando uma qualidade da obra audiovisual do trabalho que também fala por si só. Por meio de uma mescla das vertentes do cinema documentário como o documentário reflexivo e o documentário performativo, trazendo uma quebra do espaço cenográfico com o espaço real, assumindo a narrativa sem construções que omitem a realidade, associado ao discurso em primeira pessoa, eu como pesquisador e entrevistado, que é o fio condutor entre as perguntas, imagens, respostas e possíveis interpretações do todo audiovisual. A chave do experimentalismo de quebrada que é um movimento que surge na contramão das intitulações que as artes em um geral, se atribuem, categorizando gêneros, estilos e vertentes, propõem uma radicalização pelo ato de criar no fazer, disruptando um lugar que a periferia, a quebrada, o não-acadêmico, o não-formal produz arte com uma forma, conteúdo e linguagem próprias. E que por muitas vezes, são reflexos dos movimentos e são alternativas plurais no entendimento interno e externo das práticas artísticas-educativas.

Já a montagem e finalização editando a obra audiovisual foi realizada por Breno Garcia, meu parceiro, que me auxiliou nesse saber técnico que também é autodidata e gerido na marginalidade do saber acadêmico.

Por fim, reivindicar a entrega do TGI pela linguagem artística é uma possibilidade de articular múltiplos saberes teóricos, imagéticos, práticos, acadêmicos, populares, locais, culturais que possam tecer novos imaginários.

A RETOMADA É SIMBÓLICA, MAS TAMBÉM É CONCRETA NO AGORA

"Todo sangue Tupinambá vai ser invocado à se autodeclarar
 E nós pode criar um desequilíbrio no país todo
 Se nós balançar o Maracá e invocar de uma vez
 E é invocar todos os índios que foi retirado de suas aldeias
 E criado nas senzalas, nas favelas, nas cidades
 Que não sabia a origem mais de seu povo
 Todo mundo que tem sangue indígena nas capitais
 Nas cidades, vai se autodeclarar
 Então a próxima década
 Não vai ser os índios da floresta reivindicando
 Vai ser os índios da cidade dizendo
 Eu sou, tal povo e eu quero meu espaço aqui."

(Cacique Babau na introdução da faixa "São, Vi Selva" de Wescritor)

A seguinte proposta de pesquisa foi elaborada através dos questionamentos frente à uma geografia que perpetua o sistema colonial e o que move é sobre esta minha imagem que não está presente nas narrativas discursivas. Afinal, o que representou o processo de violência na formação territorial de Pindorama em Brasil? Quais as geografias continuamos a ensinar e absorver como representações dos saberes? Onde estão as geografias contracoloniais que traduzem construindo formas-mundo dentro do debate na universidade?

No primeiro capítulo “Cubatão, cidade industrial - Território em disputa” a obra audiovisual traz uma imagem de arquivo do filme “Vila Parisi” de 1981, retratando as chaminés das fábricas com suas fumaças em pleno funcionamento. O que para muitos pode ser repetitivo enquanto uso imagético do imaginário acerca do “industrial”, para nós que nascemos e crescemos na cidade, esse elemento transpõe um uso territorial que foi atribuído e gerações de pessoas que foram marcadas direta ou indiretamente pela indústria.

A primeira pergunta que guiou esse trabalho desde o princípio foi: “O que é território?” por ser algo que sempre me gerou curiosidade por sentir que território não é só essa dimensão do funcional, tanto que no filme eu respondo que pra mim é “um conceito, uma palavra utilizada em muitos contextos associada ao poder, à cartografia, ao Estado, fronteiras, linhas, demarcações mas também meu corpo, minha pele, meu sangue, meu suor, também minha ancestralidade, minha memória, minha falta de memória e o distanciamento da natureza do corpo.”

A indagação levou ao interesse de pesquisar sobre alguns autores que se debruçaram sobre a conceituação de território e o entendimento de possíveis entrevistados, nesse caso artistas e não-artistas⁴, buscando um diálogo entre as definições encontradas para que a discussão sobre o conceito e a cidade pudessem ser trabalhados de uma maneira não-habitual.

Por meio das leituras sobre o tema, é possível afirmar que seja um dos conceitos mais difundidos da geografia surgido num contexto que HAESBAERT (2023) afirma ser de origem européia e na qual segundo FERREIRA (2014) está diretamente ligado à Geografia Clássica cujo seu uso se referia à dimensão nacional e físico-natural. Todavia a partir disso, surgem diferentes entendimentos acerca do

⁴ Essa divisão é complexa mas parte do entendimento individual enquanto profissão que cada um se colocou ao responder no momento da entrevista. O lugar da arte e do fazer artístico é múltiplo, também precisando ser desconstruindo a fim de novos imaginários sobre suas intersecções.

conceito e para esse trabalho reuniu-se a categorização proposta por HAESBAERT (2023) de uma dupla dimensão do território, funcional e objetivo, simbólico e subjetivo, naquilo que há portanto um processo produto dos atores sociais que produz território caracterizado por relações de poder conforme RAFFESTIN (1993) corroborando com a definição que SANTOS (1999) propõe traduzindo um elo entre essas partes:

"O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise. Aliás, a própria ideia de nação, e depois a ideia de Estado Nacional, decorrem dessa relação tornada profunda, porque um faz o outro [...] Assim é o território que ajuda a fabricar a nação, para que a nação depois o afeiçõe." (SANTOS, 1999, p.8)

Nesse sentido, as entrevistas dialogam diretamente com essas perspectivas e complexificam lugares de pensamento, pois evidencia uma confluência entre conceitos como espaço, lugar, territorialidade e território nas respostas: "tudo que abrange nosso espaço, bairro, rios, maré, estradas, uma área enorme" (Lenice Alves) - dimensão física - "tudo aquilo que você tem como seu" (Vanessa Victor) e "é onde a gente se sente acolhido, por exemplo Cubatão" (Julia Emily) - ligados à territorialidade e à subjetividade - "é você ter uma propriedade sobre o lugar que se está" (Lucas Pereira) - consciência coletiva, percepção - "um lugar que é demarcado geograficamente e que ocupa um espaço, mas pra além das fronteiras que delimitam isso, território é tudo que é, meu corpo, minha presença, nossa presença, um espaço que reúne pluralidades [...]" (Sander Newton) - aspecto político-administrativo em paralelo com o corpo-território - "espaço onde existe pessoas, lugar, vários territórios em Cubatão como os bairros" (Douglas Lima) e "uma expansão, lugares divididos para pessoas" (Analice Santos) - outros conceitos da geografia, evidenciando a polissemia do sentido do conceito apontada por FERREIRA (2014) e uma segregação visível nessa divisão interna.

Portanto as contribuições colhidas nas entrevistas vão de encontro com o que os autores selecionados para essa pesquisa afirmam, dado que em algumas falas é possível observar uma separação entre algo mais físico, controlado de algo mais subjetivo, do indivíduo, mas também respostas que trazem ambas as percepções, ligando com as perguntas posteriores de identidade, pertencimento,

territorialidade, demonstrando que um conceito evidencia uma ciência e também uma epistemologia por trás de sua concepção.



Fonte: Colagem autoral com os 7 entrevistados mais título da obra, 2025.

Ainda sobre esse capítulo da obra, a pergunta seguinte sucitada: “O que é Cubatão?” vem para provocar imaginários e discursos narrativos sobre a cidade,

almejando e conseguindo quebrar um lugar de estereótipo caracterizado por uma assertividade, repetição, arrogância, indiscriminação, superficialidade, classificando o Outro em poucas palavras (ALBUQUERQUE JÚNIOR,2011, p.30), reunindo um leque imagético com base no vivido: “é uma cidade acolhedora mesmo pequena, é bonita, é riquíssima, é a miniatura do Brasil, por exemplo a Síndrome de Vira-Lata” (Lucas Pereira), “onde eu nasci, onde eu gosto de morar mesmo com os problemas do dia a dia” (Lenice Alves), “é cidade símbolo de força e de aprendizado” (Vanessa Victor), “o primeiro território que conheci na vida, é um membro da minha família” (Julia Emily), “é minha casa, minha morada, onde me formei, onde tive minhas primeiras brincadeiras, onde eu fui mais feliz, onde construo meus sonhos, onde entrego a força do meu trabalho” (Sander Newton), “uma cidade de migração, de sonho, de esperança, de pessoas simples, nordestinas,” (Douglas Lima) “é muita coisa, é uma mistura de floresta e produção” (Analice Santos), “é uma cidade, um nome, uma palavra que suscita emoções e memórias, um lugar, um espaço, um território, uma geografia que fala sobre coisas que estão agora mas de processos que aconteceram muito antes” por eu mesmo.

Já no segundo capítulo “Kuiapata’ã, Terra Indígena - de onde viemos?” Das tentativas de retomada, o nome antigo que do tupi vem de *Cuipata-ã*, que numa tentativa de tradução ao português, seria Rio que cai do alto, em menção à sua topografia que revela um profundo vale margeado pelas Escarpas da Serra do Mar com protuberância de rios, cachoeiras e terras úmidas que envolvem a natureza da Mata Atlântica e do manguezal, *Kuiapata’ã* numa grafia diferente fala sobre nossas existências indígenas falando sobre o antes da Indústria que permanece na contramão da ideia de que “os indígenas representariam sociedades fósseis, isto é, estagnadas ao longo de séculos de ocupação do continente americano e eram por si a personificação da pré-história brasileira” (CALAZANS,, 2013, p.86) que corrobora para o sistemático epistemicídio, conceito de Sueli Carneiro, das narrativas indígenas na cidade, na região e no país, dado que esses registros milenares são tratados de forma leviana, alimentando um ciclo de morte simbólica, geracional, cultural e material. Por isto, a primeira pergunta que abre o ciclo: “Qual o seu pertencimento?”

As respostas se mesclam sobre ser Cubatão, um lugar mais individual de si mesmo, algo voltado ao trabalho, a relação com a natureza, o não-pertencimento e o distanciamento da própria origem, o não entendimento da palavra “pertencimento”,

também se ligando ao território e a territorialidade num âmbito subjetivo do lugar de onde se cresce, se vive, se compartilha memórias, acessa saberes e troca experiências.

Em seguida, como forma de síntese sinestésica, “Uma memória que poderia resumir essa conversa” são tecidas as lembranças de infância trazidas por Lenice, Lucas e Douglas, bem como o Rio Perequê retratado de diferentes formas por Lucas, Julia e Sander.



Fonte: Captura de tela do filme, Ilha Caraguatá, Cubatão/SP, 2024.

No conjunto das perguntas, as palavras de Célia Xakriabá (2020) sintetizam uma conceituação que é um caminho traçado entre as significações apresentadas, o corpo-território na qual “todo corpo é território e está em movimento, desde o passado até o futuro. [...] constituem a nossa pertença, o corpo como território e o território como corpo. [...] Trata-se de um fazer epistemológico que visa a nos construir como corpo-território em permanente processo de (re)territorialização.”

Tratando da linguagem do audiovisual na geografia, cabe uma diferenciação daquilo que poderia ser entendido como “Geografia de Cinema” abordada por MOREIRA (2011) que se trata de uma área de pesquisa inserida nas “Geografias Audiovisuais” que analisa as inter-relações entre territórios e personagens nos filmes, dada suas formas de representação da realidade. Além disso os métodos fenomenológico e dialético apontados pelo autor como recorrente nas

interpretações, também reverberam nessa pesquisa no sentido da relação experienciada de sujeito e “objeto” de estudo, não categorizados dessa forma linear e hierárquica.

Pelo entendimento de que o audiovisual é “um dos adventos do período técnico-científico-informacional e sua posição de dispositivo que tem radicalizado o autogoverno e o governo dos outros como gesto educativo não mais circunscrito aos cineastas e profissionais vinculados ao audiovisual” (GONÇALVES,2021, p.337,), por sua acessibilidade de transmissão de ideias pela visualidade, esta obra de TGI habita a interdisciplinaridade das artes que se tornam educativas e disruptivas de padrões hegemônicos, a saber que possibilitam espaços de re-existência anteriormente negados:

“O audiovisual, o cinema, é ritual, é coletividade, é um processo que envolve muitas mãos e isso tem tudo haver com a oralidade dos povos originários. Além de amplificar nossas vozes, tem o poder de desconstruir paradigmas do que é o indígena hoje. Afinal, nós, somos ancestrais do hoje, do amanhã e do ontem.”
 (Graciela Guarani do povo Guarani Kaiowá, cineasta, produtora cultural e uma das realizadoras do Falas da Terra)

CONSIDERAÇÕES: POSSÍVEIS HORIZONTES ENLAMEADOS

“Nós somos sementes
 Rachando muros e prédios
 Construindo o mundo novo na chuva ou no sol
 Quilombo Aldeia

Toda terra que caminha
 Tem tanto pra retomar
 (Quilombo Aldeia - Kaê Guajajara feat. Rincon Sapiênciâ)

Com a encruzilhada de imagens do passado da cidade, mapas, lugares e pessoas que traduzem um imaginário que está sendo re-construído na cidade, é mais que importante, a transformação em reconhecimento de ver o próprio trabalho, pensamento, ideia que vem desde o começo da graduação, acessando materialidade e fundamentação própria.

Talvez tenha faltado autores, referências, formas de escrever que se adequem à norma adequada, mais páginas, ou afins mas fazer um trabalho como esse acessar minha mãe, meu parceiro, meus amigues, toda uma rede coletiva que traduz o propósito deste trabalho que é falar sobre nós, pela escrevivência de Conceição Evaristo, assenta a relação da memória com o direito à própria narrativa e lugar coletivo na escrita de uma História.

Esse projeto de pesquisa audiovisual pretendia investigar a relação presente no corpo enquanto território pela forma em que se readaptou, re-territorializou e possibilitou a existência. O tempo do curta se transformou em média metragem com quase 39 minutos. Mas o resultado finaliza um ciclo na geografia e abre muitos espaços pela minha trajetória e vivência aqui enunciadas.

Uma das etapas ainda não realizadas dessa pesquisa, é a exibição desse filme em um espaço público da cidade, para que todos tenham o direito de acessar e trocar sobre essa discussão que estabelece fundamentos e visões de mundo sobre uma auto-percepção geográfica. A previsão é que seja realizada ainda esse semestre, ainda a combinar a estrutura básica para essa realização, mas será feito pois é um compromisso com a cidade e com o papel que a universidade se distancia da participação ativa e popular no território.

Porque pensar e querer uma Epistemologia Yndígena pela geografia, requer coragem e disposição, porque ela revela os processos de produção de uma cidade como Cubatão com estética, discurso e narrativa que se limitaram ao período industrial-urbano, mas que hoje suas cartografias, culturas e territórios se migram com novas e originárias imagéticas. “E qual a fita de nós querer que nossas vivências sejam as bases dos nossos conhecimentos? E qual a fita de nós dizer que Cubatão é Kuiapata’ã antes de tudo?”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE J, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e Outras Artes.** 5^a edição São Paulo: Editora Cortez., 2018.

ANGATU, CASÉ. **Nem tudo era italiano - São Paulo e pobreza (1890 - 1915).** 4^a edição São Paulo: Editora Annablume Editora;, 2022.

BISPO, Antonio. **Confluências:** o modo quilombola de vida, e a sociedade do século XXI. Rio de Janeiro: Palestra proferida no “Festival Colabora America”, Museu do Amanhã, 2019.

CALAZANS, Marília Oliveira. De restos a rastros: Os sambaquis de Cubatão/SP e a construção de uma pré-história brasileira. **EDIPUCRS**, v. 6, n. 1, Porto Alegre: Oficina do historiador,, jan/jun. 2013, pp. 84-104.

CAZETTA, Valéria; GONÇALVES, Ingrid Rodrigues. O dia que o audiovisual invadiu a aula de geografia e (des)norteou o cinema. **ETD - Educação Temática Digital**, v.23, n.2, Campinas:abr./jun.2021, p.335-353.

DAMIANI, Amelia Luisa. **Na busca das favelas o encontro do "peão" que permanece:** as favelas de Cubatão num quadro de desenvolvimento do centro petroquímico-siderúrgico. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1985.

Escrevendo o futuro - Caderno Documentários. Disponível em:
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno_documento/.
Acesso em: 10 dez. 2024.

FERREIRA, Denison da Silva. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência Geográfica. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 9,n. 17, p. 111-135,Uberlândia: abr.,2014.

FERREIRA, Lúcia da Costa. **Os Fantasmas do Vale** (Representações e Modos de Ação Social em Cubatão, SP). Mestrado em Sociologia. Campinas: DCS/ IFCH, UNICAMP, 1991.

FRANTZ, Fanon. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

FREITAS, Affonso A. de. **Os guayanás de Piratininga**. São Paulo: Laemmert & C. - Editores, Revista Ethnographia Paulista, 1910.

HAESBAERT, Rogério. **Território**. Niterói: GEOgraphia, vol: 25, n. 55, p. 1 - p.6, 2023.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes.** 5. ed, São Paulo: Cortez Editora,.., 2011.

MOREIRA, Tiago de Almeida. **Geografias audiovisuais: Para além das Geografias de Cinema.** Brasília: GeoTextos, vol. 7, n. 2, dez. 2011. T. Moreira. p. 85-97.

PINTO, Celma de Souza. **Cubatão, história de uma cidade industrial.** Rio de Janeiro: Edição do autor, 2005.

_____. **Paisagem Industrial em Cubatão/SP: O caso da Companhia Fabril e da Usina Henry Borden.** Mestrado em Teoria e História da Arquitetura. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Editora Ática, 1^a edição, 1993, 270 p.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** Rio de Janeiro: GEOgraphia, Ano. 1, N. 1, p. 7 - p.13, 1999.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, v.24.1,São Paulo: 2017, p.214-241.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz.** Belo Horizonte: PISEAGRAMA, n. 14, p. 110-117, jul. 2020.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

@ovolumemorto. **Experimentalismo periférico.** Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ce_gGeyDF3t/?igsh=cjR5eXBydDFueWhh>. Acesso em: 17 dez. 2024.

BECO. Sociologia da Rua - Documentário. Youtube, 19 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v31_pQOV0Ps>. Acesso em: 15 dez. 2024.

Ernesto de Carvalho. **Nunca é noite no mapa / It's never nighttime in the map.** 2016. Disponível em:

<https://vimeo.com/175423925?turnstile=0.mTv6SprFnW5pYraRBYdMOoJLj9Wtr5I_GEBSv1rFWVwZhYVQqz_cPUIQJvMGjE1QUUMEbKQ2thYgeiDo9pgfc1OLpr8VcCPfrocdHhYiZiidYzcsfgkn1azeLmF6eX7qhS56mBuHybzCY_rwO3xW2oleN0qkmN0YoE2bo7taRvN5ETEOMXIP3I55fwXzBT4aiK32KnvdiwXWZGQhF3sA0SQffCAkHwKLle3GsySK_hfKjcRvVy_teSSzhzLdOSL3q4QUx3aNq9gc07_vJ5sCDfSq0FxNLwy_oQeVgeJu9kZ4B5D0d52TEv341AAb9IkJCdwQzpUzZzVW9JdCibQMhDpu29xpwmN-2QIpnSChAthoW3BCBF-kzSvsCfePBFH63zL8-caOEvaQ2VmP5S0w2Q8ndW4XhyUgm e8BJgEcHCbyfG5uPDugFQaTQ0yCS4V3uYQSV7HIzil8vD5H-V2OIK2CbAACJs28vV2ynhjlwTJK6AxidFWjeoAYGINr7xAzMjPDYMNTd2HDLbXf1z2I3HFZulmCk0U3e4jlhXYnpoj_95YVhWAF94wq-jcEPBpa4vJcfK2ax6FqsQsk3I9gQxNKsexfVC_i-bfm2WBMxOzFwslik8u6UhbhvHnW-TY7rf9yxoivn566qtH3rxAo0GyDGyAz3qhECwv59mCxjAM.D3VNQwz3p5ZvH21T39nrpA.94611c5275b43478c7fea8f00afcf4f966a182704b9c87563cde3dce879fc0fd

Fundação Joaquim Nabuco. **XOCÓ / TINGUI-BOTÓ / KARIRI-XOCÓ / XUKURU-KARIRI (SE/AL - 1989).** Youtube, 9 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6oucSQexGUc>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Jair S. Molina Jr. **O Plantador de Quiabos (The Okra Planter).** Youtube, 27 dez. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xt8ITYUo_zM>. Acesso em: 15 dez. 2024.

Jair S. Molina Jr. **Pescaria de Merda (Fishing Up Shit)**. Youtube, 15 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=naYnoLis1CI>>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Thaís Helena Modesto Villar de Carvalho. **Filme Legendado “Mulheres da Maré. Qual a cor das palafitas?”**. Youtube, 14 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bjgL-dn7fvo>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

mrVPFred. **De passagem - vídeo de Tgi 1**. Youtube, 11 jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4_uI5zIPgA>. Acesso em: 21 dez. 2024.

AZURUHU. **Quem é Kaê Guajajara? | Curta-metragem**. Youtube, 2 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5fVUn7-lhRM>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Rede Globo. **Falas da Terra**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=repPmoz8ozQ>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Ofícios. Santos - Ofício Alfaiate. Youtube, 11 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N0vs-oitS8E>>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Olindo Estevam - Paiol Filmes. **TGI Geografia USP - Olindo**. Youtube, 11 jun. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ub8eABCKK_U. Acesso em: 15 dez. 2024.

Piá Produções. **Documentário (Curta-metragem) - Favela da Central**. Youtube, 21 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A1-pwHtklpo>>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Programa Escrevendo o Futuro. **Até o céu leva mais ou menos 15 minutos**. Direção: Camila Battistetti. Youtube, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1Bqlr2_L2k>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Programa Escrevendo o Futuro. **Babás**. Direção: Consuelo Lins. Youtube, 15 out. 2020 [2010]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AemI63wfKH4>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

Programa Escrevendo o Futuro. **Flores do meu bairro**. Youtube, 7 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TA31FxIfaLg>>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Programa Escrevendo o Futuro. **Meu lugar, Ubaranas**. Youtube, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sEsco6_oDF8>. Acesso em 17 dez. 2024.

Programa Escrevendo o Futuro. **Nordestinos no Acre**. Youtube, 25 jun. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dkbiDNOSdXU>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

Tingui Filmes. **Curta Criança Indígena Tingui-Botó**. Youtube, 16 out. 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5eb0GANfcXg>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Vivência na aldeia. **A terra me disse**. Direção: Pedro Medeiros. Youtube, 34 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MVr0zTckDvU&t=22s>>. Acesso em: 17 dez. 2024.